

## Tijolos nos Himalaias

Era mais um dia iluminado de primavera. Devia estar próximo aos 15 graus, continuávamos na trilha caminhando, observando as pedras e a vegetação escassa, característica de locais com 3.500 m de altitude. Conforme íamos subindo, desapareciam os traços de vida e tudo ficava mais árido.

Passávamos diariamente por diversos vilarejos. Os vilarejos de nômades, sem a presença de um monastério, eram caóticos, não se via ordem e as crianças tentavam pegar até o mais simples objeto que tínhamos nas mãos.

Nós nos aproximamos de mais um vilarejo e logo percebemos a presença do budismo ali, pela organização e limpeza do local e dos moradores. Toda vez que chegávamos em um vilarejo budista, com algum Monastério presente, éramos recebidos pelo Lama de maior grau do local, que nos acolhia com uma bebida de chá verde, uma colherada de ghee e sal para recarregar as energias. É um alimento cheio de propriedades e que auxilia nos efeitos das grandes altitudes.

Este foi um dos maiores. O monge nos conduziu da entrada pelo pátio e por salões abertos sem paredes. Por ali não se via ninguém parado, todos estavam mergulhados em seus afazeres. Um monge nos cumprimentou com um Prana Mudra: Bonjour! Estranhamos ouvir francês em local tão remoto no meio dos Himalaias. - Este é um francês, explicou o monge que nos conduzia. Está aqui há três meses.

Subimos algumas escadas, passamos por alguns corredores e galerias, portas por todo lado. Cada aposento era uma sala de trabalhos e estudos. Sentia-se o cheiro de incenso de ervas sendo queimado e ouvia-se os monges em seus trabalhos, cornetas, címbalos, sinos e tambores com mantras no mais grave tom.

O assistente nos serviu mais chá, assim que percebeu que já havíamos tomado um pouco. Ele só para de nos servir se sinalizarmos com a mão. Estávamos sentados em uma mesa comprida, naquela sala com meia luz natural, vinda de uma janela distante. O Lama nos olhava com um sorriso no rosto, quase infantil. É incrível como a alegria e o bom humor são traços tão marcantes nos Lamas mais avançados. Chega a parecer ingênuo e imaturo para um ocidental intelectualizado.

Ele começou a falar em tom baixo e paramos para ouvi-lo. Esse era o momento que esperávamos: a conversa de instrução que recebíamos como pérolas destes avançados abades.

- Este é um monastério que recebe ocidentais! Quando um ocidental quer ir para um de nossos monastérios, precisa ir primeiro para os que aceitam ocidentais, monastérios que falam inglês. Para entrar nos monastérios mais avançados, o monge precisa saber falar tibetano, porque as instruções serão todas em tibetano, explicou.
- Um monastério como este, é um hospital para a cabeça! Recebemos aqui pessoas que precisam se livrar de algum vício, como alimentação excessiva, excesso de sexo, bebidas e outras mazelas que dominam a mente.
- Elas vêm aqui quando já tentaram de tudo, vêm buscar iluminação e instrução! Sorriu e continuou: - O candidato se oferece e já deseja ir para o estado avançado de meditação. Por já ter estudado algum tipo de meditação, acredita que já está preparado para o trabalho de estudo e meditação do monastério.
- Aqui você terá que trabalhar antes de estudar conosco, senhor! Alertamos no início. Trabalho de faxina, limpeza, cozinha, serviços gerais, manutenção. Está vendo aquele muro

ali na frente? O muro deveria ter uns 4 metros de altura por 50 m de comprimento, todo de tijolos.

- Eu não vim para um monastério Budista para limpar muro! diz a maioria dos candidatos!
- Esta é a primeira seleção, dizia o Lama sorrindo, como se achasse engraçada esta reação.
- O ocidental vem carregado de orgulho espiritual, aquele orgulho que nos cega e nos faz sentir como seres iluminados. Esquecem-se das bases da simplicidade e da humildade.
- Quando o candidato é admitido, ele vai fazer as tarefas do dia a dia do monastério. Vai limpar o muro. Começa com raiva e esfrega o muro de qualquer jeito, sem critério, quer acabar logo com aquilo e a indignação em ter que limpar um muro o faz produzir um serviço malfeito. Um trabalho desses não é aprovado e ele é mandado de volta para refazer o mesmo local no dia seguinte. Chora, esperneia, joga os materiais longe, soca o muro e se machuca! Não passa adiante enquanto não limpa direito. Ele se vê ali, lutando e trancado em sua própria prisão de raiva e orgulho. É mais um processo seletivo. Ele só passa depois que descarrega toda a sua raiva, se cansa e começa a ficar mais manso.
- Vem a próxima etapa: ele aceita que precisa limpar o muro e começa a medir o seu serviço. Olha todo momento para o final do muro, calcula quanto tempo ainda falta e o que já limpou. Fica ansioso e já não limpa direito, pensando no final. Fica preso nesta etapa novamente, e só passa para a próxima quando fizer bem-feito. Passa dias neste outro drama, avança muito pouco porque pensa demais no final e se preocupa demais com o quanto já andou. Chora, se irrita, a impaciência e a ansiedade tomam conta do pobre monge. Quando não aguenta mais e tudo parece se perder, se acalma e consegue perceber que está limpando um muro de tijolos! Com muitos tijolos! E percebe cada único tijolo que forma o muro. Chegou na próxima etapa: É um muro de tijolos e eu não estou limpando um muro, estou limpando tijolos... que formam um muro! Conclui ele. O muro começa a já não importar tanto! Agora conta tijolos, percebe que precisa limpar o tijolo e que cada tijolo é único. Aprende que para limpar corretamente este tijolo, precisa trabalhar em cada um de forma única, de cima até embaixo, da esquerda para a direita, em cada tijolo. Cria um método, repetindo este método, cria um ritmo, com o ritmo, aprende a se disciplinar e devagar a tarefa se torna prazerosa. Preenche o seu dia cuidando de cada tijolo. Já não pensa no fim nem no começo. Já não se lembra mais que está limpando um muro ou limpando tijolos. Aprendeu a ter o prazer de trabalhar sem preocupação no resultado ou na evolução, e a ação se tornou nobre para ele, rica. Quando chega este momento, ele termina o muro. Ele aprendeu a meditar. E está preparado para iniciar os estudos com os outros monges mais antigos.

Olhou para cada um de nós e falava de coração para coração.

- Cuide de cada grão de areia da sua vida como se fosse único. Não pense na praia. Cuide de cada tijolo, se esqueça do muro. Não se apegue no futuro e não viva no passado. Trate cada tijolo presente. O tijolo de agora. A vida é cheia de tijolos. Trate a sua vida como se cada dia fosse um tijolo e, quando menos esperar, você termina o muro e está preparado para a próxima etapa.

Todos nos movimentamos nos bancos, como se tivéssemos acordado de um transe. O tempo havia parado. Estávamos desconcertados e sem jeito. O meu chá havia esfriado e eu tomei assim mesmo. O Lama sorriu e nos acompanhou até a porta principal. Seguimos nosso caminho, deixando aquele muro enorme para trás. Já não era tão grande. A noite se aproximava e o sol ainda batia vermelho-alaranjado nos distantes picos nevados que cercavam aquele vale nos Himalaias.

**Texto de um estudante, membro do Núcleo Aquariano Brasil.**